

Retórica e Política em *Vida de Sertório* de Plutarco

Vanessa Vieira de Lima¹

Resumo: Entendendo Retórica como a “arte da persuasão” e observando a tradição retórica romana de engrandecimento do inimigo, visando à valorização da vitória, voltamo-nos para *Vida de Sertório* de Plutarco. Isto porque tal obra se utilizou bastante destas práticas ao retratar os desdobramentos políticos da Revolta de Sertório, ocorrida na Península Ibérica no século I a.C. Especificamente o capítulo XVI de *Vida de Sertório* se configura em um discurso exemplar de tais dinâmicas, sendo ele estruturado em torno de uma *complexio* e embasado em um argumento ético. Assim, o presente artigo tem como objetivo realizar uma leitura retórica do referido capítulo, buscando analisar os mecanismos de persuasão dos hispanos aos ideais de Sertório e a tradição de valorização da imagem do inimigo.

Palavras-Chave: Retórica, Revolta de Sertório e Plutarco

Abstract: Understanding Rhetoric as "the art of persuasion" and noting the tradition of Roman rhetoric exaltation of the enemy, seeking the exaltation of victory, we turn ourselves in the Plutarch's *Life of Sertorius*. That is because this book had widely used these practices to portray the political unfolding of the Revolt of Sertorius, held in the Iberian Peninsula in the first century BC. Specifically, Chapter XVI of *Life of Sertorius* sets up in an exemplary speech of such dynamics, as it is structured around a *complexio* and based on an ethical argument. Therefore, this article aims to achieve a rhetorical reading of that chapter, seeking to analyze the mechanisms of persuasion of the Hispanic to Sertorius's ideals and the tradition of valuing the image of the enemy.

Key-Words: Rhetoric, Revolt of Sertorius and Plutarch

Retórica e política no Mundo Antigo se constituem em domínios complementares no que tange a construção de uma concepção de poder, já que os diversos discursos eram compostos por uma argumentação, cuja qual pressupunha a seleção dos elementos apresentados, a fim de ordenar e expressar um sentido pretendido de acordo com o contexto histórico vivido (PERELMAN, 1984: 248). Segundo Aristóteles, a “retórica é útil” (Retórica, L. I, 2, 1355), pois ela, com sua elaborada teoria do estilo, possui a capacidade de “persuadir dos prós e dos contras, como no silogismo dialético” (op. cit.), gerando, por conseguinte, a adesão de um determinado público a uma tese defendida, sem necessariamente estar imbricada em um compromisso com a verdade. Portanto, é notória a importância da realização de uma leitura retórica para a análise histórica. Assim, ao longo deste artigo

¹ □UFF. Prof.^a Mestranda (PPGH/CEIA)

objetivamos realizar a análise de um discurso de *Vida de Sertório*, cuja autoria é atribuída a Plutarco.

A Retórica, no entanto, não pode ser vista de modo homogêneo em todos os períodos históricos, uma vez que ela passou por transformações consistentes desde a sua consolidação em Atenas no século V a.C. (CURTIUS, 1979: 103). Ao longo da Antiguidade ela foi transformada na arte da oratória e em técnica literária, amplamente difundida na Grécia e, também, em Roma a partir do século II a.C. Durante a República Romana Tardia, a intensa vida política concedeu forte estímulo a oratória, o que fez com que a Retórica fosse voltada para os discursos políticos, especialmente, os forenses. Entretanto, “a queda da República influenciou na retórica romana no mesmo sentido que o domínio estrangeiro macedônico, e depois romano, na retórica grega. (...) Vemos, pois, (...), a retórica penetrar em toda a parte” (CURTIUS, 1979: 103 – 104). A conjuntura política do Alto Império Romano, então, deu origem à chamada segunda sofística.

A segunda sofística tem como uma de suas tópicas a personificação de tipos ideais e binômios antagônicos em um movimento que valorizava o helenismo, posto que o passado grego era relevante para as relações de poder no Império, na medida em que constituía as suas origens míticas (ZANDONÁ, D., 2008). Este, portanto, é o momento em que Plutarco escreveu a sua obra intitulada *Vidas Paralelas*, a qual compreende o livro *Vida de Sertório*, onde há o discurso por hora analisado.

Plutarco (45 – 125 d.C.) foi um filósofo e biógrafo grego, que escreveu quando o Império Romano atingiu sua máxima extensão geográfica e viveu um período relativamente pacífico no interior de suas fronteiras. Uma de suas monumentais obras é intitulada, como já foi citado, *Vidas Paralelas*, que compõe um conjunto de biografias estruturadas de uma forma bem singular e concordante com as tendências da segunda sofística. Em outras palavras, ela comparava uma personagem histórica grega com uma romana, utilizando-se de uma narrativa biográfica, que não corresponde aos mesmos moldes estilísticos deste gênero na atualidade (BURKE, 1997:1). Analisando as parênteses biográficas de Plutarco, percebemos que ele encadeia os acontecimentos por ordem temática, tópica ou de acordo com alguma singularidade do indivíduo retratado. Isto porque tal obra é alusiva, já que a poética antiga era essencialmente dialógica, possuindo a figura de um interlocutor e, pressupondo, por outro lado, o conhecimento do leitor sobre o assunto tratado. Deste modo, o supracitado autor se propôs a escrever sobre personagens históricos, cuja vida transcorreria em conjunturas diferentes da sua, observando, por exemplo, a República Romana com os olhos de um descendente de uma proeminente família aristocrata do Império.

O cidadão romano Quinto Sertório foi um dos homens ilustres selecionados para compor o referido conjunto biográfico, sendo personagem central do livro *Vida de Sertório*, que tem como correspondente grego o general Eumenes. A meu ver os motivos para a sua seleção por Plutarco têm origem na sua importância para a história da sociedade romana, durante a primeira metade do século I a.C. Logo, destaco duas razões fundamentais, as quais são em última instância inseparáveis: a importância da conhecida Revolta de Sertório (ocorrida na Hispânia entre 82 – 72 a.C.) para o desenrolar da República Romana Tardia e o poder adquirido por ele ao longo de sua trajetória política de luta contra o governo aristocrático em meio às guerras civis entre os populares e os *optimates*, liderados, respectivamente, por Mario e Sila.

O livro *Vida de Sertório*, então, constitui-se no principal vestígio textual para se analisar tal revolta, devido à magnitude de informações sobre Sertório e seu governo na província, a adesão hispana a sua manifestação, entre outras. Portanto, a escolha do capítulo XVI se deve ao fato de Plutarco nos apresentar um importante discurso de Sertório proferido em ambiente público, tendo como auditório os hispanos, visando a convencê-los a seguir suas ordens no que concernem as suas táticas de combate contra o exército senatorial, durante o desenrolar da Revolta de Sertório.

Identificamos, pois, dois objetivos principais de Plutarco nesse capítulo. Em primeiro lugar, ele objetivava enaltecer a figura de Sertório, enquanto um habilidoso e proeminente general, uma vez que desta forma a vitória da República Romana sobre a sua revolta seria valorizada. Dessa maneira, Plutarco fez uso de uma característica retórica habitual da sociedade clássica: a construção euforizada da imagem de um suposto inimigo, visando ao engrandecimento das glórias do vencedor. E, em segundo lugar, o discurso de Sertório pretendia persuadir os hispanos a lutarem de acordo com as prerrogativas ditadas por ele, ou seja, pelo “general experiente e prestigiado” (PLUTARCO, Sertório, X). Logo, tratava-se de adotar as táticas de guerra do “verdadeiro exército” (PLUTARCO, Sertório, XIV): o romano. Isto porque Sertório é um profundo conhecedor do modo de combate do exército senatorial, já que ele foi um destacado equestre. Em suma, ambos os objetivos de Plutarco incorriam na concepção de enaltecimento da *humanitas* romana (VEYNE, P., 1992: 284).

Assim, segundo Curtius, um discurso no que tange uma leitura retórica pode ser dividido em até cinco partes: introdução (*exordium* ou *proemium*), “narração” (*narratio*), argumentação (*argumentatio* ou *probatio*), refutação das afirmações do adversário (*refutatio*) e peroração (*peroratio* ou *epilogus*) (1979: 108) O capítulo XVI de *Vida de Sertório*, por sua

vez, é passível de ser dividido em quatro destas subdivisões citadas, na medida em que há a ausência da *refutatio*.

O *exordium* possui o papel de assegurar as condições prévias à argumentação, estabelecendo a qualidade, a competência ou a credibilidade do orador, gerando o interesse pelo discurso. Assim, temos: *Sertório consolidava suas forças com tropas que afluíam sem cessar de todas as partes. Todos os espanhóis de aquém-Ebro aliaram-se a ele em massa.* (PLUTARCO, Sertório, XVI)

Através dessas palavras percebemos o quão hábil general era Sertório, pois tropas constantemente “afluíam” a ele. Destarte, Sertório não estava dominando apenas pela força as Hispânicas, uma vez que as tropas iam até ele, devido a provavelmente dois fatores igualmente apresentados ao longo de *Vida de Sertório*: a) as estratégias de poder adotadas por este cidadão romano na Península Ibérica: a diminuição da carga tributária da província e o fim da obrigação dos hispanos alojarem as tropas romanas (PLUTARCO, Sertório, VI). b) a concepção de que os hispanos “tinham a absoluta necessidade de um general experiente” (PLUTARCO, Sertório, X) para a luta contra um “inimigo” comum: Roma. Logo, é possível inferir que Plutarco constrói uma imagem de Sertório de credibilidade e de competência em torno de características político-militares.

Ademais, tal adesão a Revolta de Sertório é apresentada de modo incontestável, colocando como se todos os provinciais abaixo do rio Ebro estivessem apoiando à revolta. Dessa maneira, obscureceu-se a existência de povos e cidades que ou apoiavam Roma ou não apoiavam nenhum dos dois lados durante a revolta. A idéia da total adesão das Hispânicas a Revolta de Sertório é encarnada pela utilização de duas figuras de linguagem. A mais nítida é a repetição centrada nos termos “todas”/”todo”, enfatizando propositalmente a concepção da adesão total dos hispanos. E, a outra figura de estilo que complementa esta concepção de totalidade é a hipérbole, caracterizando um exagero proposicional.

Já a *narratio* tem como função a exposição, ou melhor, a construção dos fatos a serem trabalhados ao longo do discurso. Observemos a narração:

Porém, inquieto com a indisciplina e temeridade daqueles bárbaros que reclamavam aos gritos o avanço contra o inimigo e irritavam-se com as dilações, tentava acalmá-los com palavras. Eles, porém, cada vez mais impacientes, poderiam de uma hora para outra entregar-se a ações intempestivas, de modo que Sertório cedeu e deixou-os ir às vias de fato com o inimigo; esperava, não que fossem esmagados, mais batidos, para no futuro se mostrarem mais dóceis. Aconteceu o que ele previa. Acorreu em seu socorro, acolheu-os enquanto fugiam e reconduziu-os em segurança até o acampamento. (PLUTARCO, Sertório, XVI)

Este trecho traz as causas sustentadoras da posterior argumentação central de Sertório. Assim, vemos que mesmo conseguindo grande adesão a sua revolta, os “bárbaros” eram

“indisciplinados”, ansiosos pelo combate, resistentes, portanto, em adotarem as táticas de guerrilha defendidas por Sertório. Em contrapartida, ressaltamos neste pequeno trecho um enaltecimento implícito da formação do exército romano, o qual, conforme já citamos, é identificado como o “verdadeiro exército” (PLUTARCO, Sertório, XIV). Ademais, segundo Plutarco, Sertório temia que a impaciência e “as ações intempestivas” dos hispanos culminassem na dizimação de seu exército (PLUTARCO, Sertório, XII) Logo, a construção dos fatos em tal *narratio* estava envolta no contexto da Revolta de Sertório, cuja tinha como base o exército, cabendo a Sertório discipliná-los e torná-los mais “dóceis”, a fim de obter sucesso na sua empreitada contra o governo silano instaurado em Roma.

Retoricamente este fragmento é pleno merecedor de nossa atenção, pois a forma como estes “fatos” são apresentados perpassaram por três elementos retóricos de suma importância: o apelo às conseqüências, a prolepse e a antítese. O argumento que apela a conseqüência baseia-se na premissa, que coisas desagradáveis ocorrerão caso não se concorde com o orador. Podemos observar esta falácia do discurso enfaticamente ao longo de toda a *narratio*, pois, segundo Plutarco, Sertório advertia que caso seu exército não ouvisse as suas “palavras” e fosse as “vias de fato com o inimigo [os romanos]”, todos seriam “batidos”. Por conseguinte, trata-se tanto de um apelo enfático a conseqüência dos atos destes “bárbaros” hispanos, quanto de um expreso engrandecimento de Sertório como um destacado e habilidoso militar, sendo assim, merecedor da credulidade do público.

A prolepse se caracteriza, *grosso modo*, como um contra-argumento ou uma antecipação do argumento do adversário. Destarte, identificamos uma prolepse ao Plutarco mencionar a permissão de Sertório de os hispanos entrarem em combate com o inimigo, intencionando torná-los mais dóceis futuramente, posto que o desenrolar do evento aconteceria conforme “ele previa”. A antítese, por outro lado, transmite a idéia de uma certa aproximação de termos que possuem significados contrários, permitindo ao auditório inferir esta contraposição, cuja qual é expressivamente intencional. Assim, na *narratio* analisada percebemos um par antitético marcante, “impaciente” X “dóceis”, carregando em si os valores dignos de “bárbaros” e de homens “civilizados”, respectivamente, de acordo com o universo ideológico do Mundo Romano, do qual Plutarco era integrante.

Chegamos, então, à parte central deste fragmento, ou seja, a argumentação propriamente dita de Sertório, a qual é apresentada sob a forma de uma verdadeira encenação em ambiente público.

Alguns dias depois, para por fim ao seu desanimo, reuniu todo o exército e mandou trazer dois cavalos, um deles fraco e já velho e o outro imponente e vigoroso, com uma cauda notável pela espessura e beleza das crinas. Perto do primeiro colocou

um homem grande e robusto, perto do segundo um sujeito de talhe enfezado e doentio. A um sinal o latagão, com ambas as mãos, puxou a cauda do cavalo miúdo para arrancá-la, enquanto o homenzinho extraía crina por crina a do cavalo vigoroso. O primeiro, depois de muito esforço inútil que provocou o riso da assistência, teve de desistir, enquanto o segundo, em pouco tempo e sem nenhuma fadiga, pelava a cauda de seu cavalo. (PLUTARCO, Sertório, XVI)

Analisando esta argumentação, vislumbramos que sua estruturação possui uma série de pilares, cujos são evidenciados de forma bastante sutil aos olhos do público. Em primeiro lugar, a encenação de Sertório é construída com base no argumento conhecido como falso dilema (*complexio*). Nas palavras de Claudia Beltrão, tal argumentação se baseava em alguma inconsistência observada. (2006: 89) Tratava-se da construção de um pensamento por via da limitação das opções (geralmente duas), com as quais se chegaria a uma dada conclusão; embora o universo de opções possíveis fosse maior do que o exposto. Assim, a *complexio* estruturada por Plutarco gira em torno de dois caminhos diametralmente opostos: ou o exército de Sertório se entrega a ações impensadas e violentas e, conseqüentemente, falha; ou se dedica a virtude da paciência e da perseverança, conseguindo, por conseguinte, alcançar a vitória. A forma da argumentação e a própria encenação encaminham o público a optar pela segunda opção, pois ela conseguiu o resultado almejado. Portanto, a *argumentatio* enaltece explicitamente a forma de combate calcada na perseverança e na paciência, virtudes que aparecem de modo patente apenas na conclusão do discurso, mas encadeiam o capítulo XVI na íntegra.

A *complexio* presente nesse trecho possui como forma de organização lógica o recurso da exemplificação e da encenação. Tal recurso geralmente se dirige a um grupo geral, posto que não há o encadeamento por elementos dominados por apenas um auditório específico. Dessa maneira, de acordo com Perelman, “o uso do exemplo, para combater uma regra, (...), ou restringir o seu alcance, tem um alcance demonstrativo porque um único caso é suficiente para invalidar uma lei apresentada como universalmente válida.” (2004: 259) Logo, estas premissas se adéquam perfeitamente ao caso de Sertório, pois o teatro provou que a força e a violência do “latagão” não foram capazes de ser mais eficaz do que a perseverança do homem “velho”. Portanto, os exemplos, por via de uma linguagem metafórica, são diretamente remetidos a postura belicosa e “indisciplinada” dos “bárbaros”, a qual deve ser modificada, visando a vitória da Revolta de Sertório.

Entretanto, a persuasão obtida com a performance para ser efetiva deve ser embasada em uma linguagem comum, podendo ela ser lida e interpretada por todo o público. Chegamos, pois, ao cerne da argumentação de Sertório: por que o meio utilizado para demonstração do argumento foi a contraposição de duas duplas compostas essencialmente pela presença em

comum do cavalo? O cavalo se constituía em uma das principais molas das interações econômicas entre Roma e a Península Ibérica, sendo alvo da tributação romana nas Hispânicas. Nas palavras de Martínéz, um gênero de butim e tributo muito cobiçado era o cavalo ibérico, pois a cavalaria hispana era muito superior a romana (2004: 178). Portanto, a escolha deste animal não foi aleatória. O cavalo se constituiu na referida linguagem comum necessária para o alcance e a adesão do auditório. Em suma, a sua utilização se traduziu em um meio de comunicação, que estabeleceu o diálogo entre o orador e o público.

Além disso, as figuras de linguagem utilizadas para balizar estas concepções foram: metáfora e antítese. A metáfora está presente no núcleo da argumentação. Há uma comparação estabelecida entre as figuras tanto do “homem grande” com o exército intempestivo e “violento”, quanto do “homenzinho” com o exército “paciente” e “perseverante”. Já a antítese foi utilizada para ordenar o comportamento que serviria de modelo a ser seguido e, em contrapartida, estereotipar o antimodelo a ser repudiado. Assim, os pares “fraco” X “imponente”, “robusto” X “doentio”, “homem grande” X “homenzinho”, etc, expressam perfeitamente esta dinâmica. Deste modo, a argumentação se torna efetiva pela constatação, pois o enunciado não é mais questionado após a demonstração ocorrida mediante a teatralização do discurso, que possui fins didáticos.

E, por fim, chegamos a *peroratio*, segmento no qual Sertório toma a palavra e conclama para o seu exército.

Sertório então se levantou e disse: ‘aí vedes, aliados, que a paciência é mais eficaz que a violência: o que se mostra impraticável em bloco cede não raro no pormenor. A perseverança é invencível, graças a ela as incursões do tempo, em sua marcha, destroem e aniquilam todo o poder – o tempo, esse aliado fiel daqueles que esperam com inteligência o momento favorável é inimigo capital dos precipitados’. Recorrendo oportunamente a semelhantes apólogos, Sertório encorajava os bárbaros e ensinava-lhes o valor da ação propícia. (PLUTARCO, Sertório, XVI)

A *peroratio* tinha como objetivo dirigir o orador ao coração dos ouvintes para levá-los ao estado de ânimo desejado. (CURTIUS, 1979: 108) Logo, é justamente esta a intenção de Sertório com suas palavras após a teatralização promovida. Sendo assim, é relevante observarmos a mudança do tratamento conferido aos provinciais por Sertório. Quando os hispanos estavam se entregando a impaciência e a violência, eles eram meros “bárbaros”. A partir do momento em que foram convencidos a seguirem as ordens de seu “chefe” militar (PLUTARCO, Sertório, I), transformaram-se em “aliados”; embora seja notória a não tradução de uma posição de igualdade entre romanos e não-romanos, já que a manutenção das hierarquias sociais era um dos pressupostos capitais da dominação e da cooptação. Então,

inferimos que os verdadeiros aliados, segundo Plutarco, são os seguidores das premissas e táticas de seu líder.

Assim, tal peroração é estruturada de modo a conceber uma amplificação da narração, transformando-a em um argumento forte e irrefutável. Isto porque as figuras de linguagem deram a forma e o contorno retórico necessários para a consolidação da persuasão dos hispanos aos ideais defendidos ao longo do discurso. A personificação e a gradação se tornam os carros-chefe da comoção promovida por Sertório. Seguindo as prerrogativas da personificação, concluímos que a virtude “perseverança” é um poder “invencível”, sendo ela um atributo daqueles que “esperam com inteligência”. Por conseguinte, a perseverança garante o tempo, cujo qual é favorável aos indivíduos pacientes. Portanto, a perseverança e o próprio tempo são aliados de Sertório, quem por sua vez se propõe a ensinar o “valor da ação propícia” aos provinciais. Sertório, então, transforma-se no senhor da história e dos desdobramentos da revolta.

Ademais, de acordo com Perelman, “argumentar é fornecer, (...), razões a favor ou contra uma determinada tese.” (2004: 234) Razões estas que necessariamente dialogam com o auditório em uma dinâmica que propicia o surgimento de três tipos de argumentos: *logos* (lógicos), *ethos* (ligado a autoridade do orador) e *pathos* (ordem emocional). Sendo assim, analisando o capítulo em voga percebemos que o argumento tipo predominante e estruturador do discurso é o *ethos*, devido à forma como Sertório apresenta as suas considerações contra a péssima conduta dos hispanos na guerra. A ação pretendida é convencer mediante a projeção da imagem do próprio orador, pois o discurso se estabelece em volta da competência de Sertório enquanto um experiente e prestigiado general, detentor de imponentes aliados: a perseverança e o tempo. Assim, a persuasão do público depende em última instância da credibilidade de Sertório.

Por outro lado, destacamos que o texto trabalhado também possui um certo apelo ao *pathos*. A pretensão do orador é convencer também pelo despertar de uma comoção no auditório. No caso estudado há dois elementos emocionais fundamentais: a encenação didática e o apelo ao ridículo. Ambos os elementos estão inseridos na esfera do teatro educação (§ 3), o qual lança mão de um discurso metafórico embasado em exemplos oriundos dos hábitos e objetos cotidianos: o exército e o cavalo. Segundo Perelman, “o temor do ridículo e a desconsideração que ele arrasta é um móbil eficaz na argumentação.” (1984: 247) Tal artifício é utilizado e atestado no trecho: “o primeiro [o homem grande, que representava a postura do exército de “bárbaros”], depois de muito esforço inútil que provocou o riso da assistência, teve de desistir” (PLUTARCO, Sertório, XVI). Destarte, a partir do momento do

riso, Sertório conseguiu a adesão do auditório para ele enfim engendrar e concluir a sua tese. Sintetizando, o capítulo XVI de *Vida de Sertório* se configura em um discurso ético com um grande apelo emocional.

A título de conclusão, observamos que a leitura retórica deste pequeno discurso possibilita entrever as inúmeras considerações políticas norteadoras do contexto histórico da Revolta de Sertório. Torna-se perceptível que, além das concepções militares arroladas em todo o capítulo, está implícita a conjuntura das guerras civis romanas de fins da República, das quais Sertório foi um ativo participante. Sendo assim, retoricamente, há a afirmação nítida do enaltecimento da figura de Sertório como um experiente e proeminente general romano republicano. Trata-se de uma tradição retórica romana de engrandecimento do inimigo, a fim de valorizar a sua própria vitória. Portanto, subentende-se que nem mesmo a aliança de Sertório com a virtude da perseverança e com o tempo foi capaz de superar as glórias da sociedade romana do século I a.C.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, D. P. “Vidas Paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin” in: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 2. p.: 2.
- BURKE, Peter. “A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista” in: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. n. 19, 1997.
- BELTRÃO, C. “Retórica, Ética e Política no *Pro Sulla* de Cícero”. *Phoênix* 12 (2006): 87-104.
- CURTIUS, E. R. “Retórica”. In: CURTIUS, E. R. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.
- ESPINOSA, Urbano. “Calagurris e Sertório” in: *Calahorra, bimilenario de su fundación. Actas del I Symposium de Historia de Calahorra*, Madrid 1984, pp. 189-199.
- MARTINEZ, J. M. B. “Notas a La contribución de la Península Ibérica al erário de la República Romana” in: *Homenagem ao Prof. Doutor Mendes Correa (trabalhos da sociedade portuguesa de Antropologia e Etnologia 16)*. Porto, 1959. p.p. 175 – 182.
- PERELMAN, Ch. “Argumentação” in: *Enciclopédia Einaudi. Oral/Escrito*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Vol. II, 1984. p.p.: 234 – 265.
- VEYNE, Paul. “HUMANITAS: Romanos e Não Romanos” in: *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.
- WELLBERY, D. E. “Retoricidade: sobre o retorno modernista da Retórica”. In: WELLBERY, D. E. *Neo-Retórica e Desconstrução*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- ZANDONÁ, D. “A segunda sofística: intelectuais, historiografia e poder político na Era dos Antoninos” in: *História e-história*. São Paulo: UNICAMP/NEE/Arqueologia, 2008.